



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NÚCLEO ÁSIA, RELATÓRIO I, ANO I

NÚCLEO ÁSIA

I REUNIÃO DO GRUPO PERMANENTE DE ANÁLISE SOBRE CHINA

22 DE SETEMBRO DE 2017

Conexões: Rio de Janeiro, São Paulo,
Brasília, Washington, Nova York, Pequim

Palestrantes: Embaixador Marcos
Caramuru

TEMA

“Big Picture”: A China no mundo

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é uma instituição sem fins lucrativos, que atua para influenciar positivamente a construção da agenda internacional do país.

Fundado há quase 20 anos por um grupo de empresários, diplomatas e acadêmicos, o CEBRI tem ampla capacidade de articulação, engajando em seu plano de trabalho os setores público e privado, a academia e a sociedade civil. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por figuras proeminentes e com uma rede de mantenedores, constituída por instituições de múltiplos segmentos.

www.cebri.org

CONSELHO CURADOR Aldo Rebelo; Anna Jaguaribe; Armando Mariante; Arminio Fraga; Carlos Mariani Bittencourt; Celso Lafer; Cláudio Frischtak; Daniel Klabin; Denise Gregory; Gelson Fonseca Jr.; Henrique Rzezinski; Joaquim Falcão; Jorge Marques de Toledo Camargo; José Alfredo Graça Lima; José Botafogo Gonçalves; José Luiz Alquéres; José Pio Borges; Luiz Augusto de Castro Neves; Luiz Felipe Seixas Corrêa; Luiz Fernando Furlan; Luiz Ildefonso Simões Lopes; Marcelo de Paiva Abreu; Marcos Azambuja; Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga; Maria Regina Soares de Lima; Pedro Malab; Renato Galvão Flôres Jr.; Roberto Abdenur; Roberto Giannetti da Fonseca; Rafael Benke; Roberto Teixeira da Costa; Ronaldo Sardenberg; Ronaldo Veirano; Rubens Ricupero; Sérgio Quintella; Sérgio Amaral; Tomas Zinner; Vitor Hallack; Winston Fritsch

EQUIPE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Superintendente de Projetos: **Renata Dalaqua** | Coordenadoras Administrativa: **Camila Sabino; Fernanda Sancier** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Giselle Galdi** | Coordenadora de Relações Institucionais: **Barbara Brant** | Assistente de Projetos: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior; Gabriel Torres** | Estagiários: **Ana Vibranovski; Evandro Osuna; Luiz Gustavo Carlos; Maurício Alves; Nathália Miranda Diniz Neves; Thais Barbosa** | Consultores: **Angela Giacobbe; Suzana Green Haddad; Quillen Sanchez; Mariana Panero** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NÚCLEO ÁSIA, RELATÓRIO I, ANO I

NÚCLEO ÁSIA

I REUNIÃO DO GRUPO PERMANENTE DE ANÁLISE SOBRE CHINA

22 DE SETEMBRO DE 2017

Conexões: Rio de Janeiro, São Paulo,
Brasília, Washington, Nova York, Pequim

Palestrantes: Embaixador Marcos
Caramuru

“Big Picture”: A China no Mundo

NÚCLEO ÁSIA

O Grupo Permanente de Análise sobre China visa promover reflexão estruturada sobre os temas selecionados, com a participação de especialistas, do setor privado, do governo, e de outros *think tanks*, contribuindo para a formulação de políticas públicas e estratégias empresariais. Cada encontro conta com uma breve avaliação do histórico recente e da situação atual do tema em pauta por parte de um ou mais convidados, seguida de debate entre os participantes. O conjunto de avaliações e eventuais recomendações compõe um relatório final de cada encontro encaminhado a todos. A curadoria das atividades é realizada por Tatiana Rosito.



CONSELHEIRA

Anna Jaguaribe

Membro do Conselho Curador do CEBRI, é Diretora do Instituto de Estudos Brasil-China (IBRACH). Atualmente ela é Professora visitante do Programa de Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Anteriormente trabalhou na Organização das Nações Unidas em Nova York e foi consultora da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em Genebra.



SENIOR FELLOW

Tatiana Rosito

Diplomata e economista, tendo servido mais de oito anos na Ásia, cinco dos quais na Embaixada do Brasil em Pequim, em que foi ministra-conselheira. Atualmente, é Representante-Chefe da Petrobras na China e Gerente Geral de Desenvolvimento de Negócios na Ásia. Foi Secretária-Executiva da CAMEX (Câmara de Comércio Exterior) e Assessora Especial dos Ministros da Fazenda e do Planejamento, entre outras funções no serviço público.



COORDENAÇÃO

Julia Dias Leite

Diretora Executiva do CEBRI desde 2015. Anteriormente trabalhou 10 anos no Conselho Empresarial Brasil-China, onde ocupou o cargo de Secretária Executiva. Recentemente foi escolhida pelo Departamento de Estado do Governo Americano para o programa de Jovens Líderes Mundiais.

SUMÁRIO

Conteúdo

QUESTÕES ABORDADAS	06
PALESTRANTES	07
RELATÓRIO DA I REUNIÃO	08
A China e as novas dimensões da globalização	08
Prioridades da política externa chinesa: engajamento regional, EUA e Europa, América Latina	09
“One Belt One Road” e a estratégia de expansão futura da China: possíveis impactos para o Brasil	11

Anexos

FACT SHEET PRELIMINAR	13
Sugestões de leitura	15
PARTICIPANTES DA I REUNIÃO	16

QUESTÕES ABORDADAS

A China e as novas dimensões da globalização

Prioridades da política externa chinesa: engajamento regional, EUA e Europa, América Latina

“One Belt One road” e a estratégia de expansão futura da China: possíveis impactos para o Brasil

PALESTRANTES DA I REUNIÃO



Embaixador Marcos Caramuru

Embaixador do Brasil junto à República Popular da China, formado pela Academia Diplomática Brasileira e graduado em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi Chairman da KEMU Consultoria, Cônsul Geral em Xangai, Embaixador do Brasil na Malásia, Presidente do Conselho de controle de Atividades financeiras, Vice-Ministro de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda e Diretor Executivo do Banco Mundial.

A China e as novas dimensões da globalização

Em sua primeira reunião, o Grupo Permanente de Análise sobre China logrou identificar e debater diversas iniciativas da China, tanto no setor público quanto privado, voltadas ao alinhamento do país com os desafios e oportunidades relacionados às “novas dimensões da globalização”. A China se prepara para preservar sua competitividade e assumir liderança crescente em várias áreas, em um contexto de hiperconectividade e de intensos fluxos de serviços e dados digitais no comércio internacional, bem como de crescentes investimentos oriundos de países emergentes, principalmente da China – para além dos desafios de suas próprias transformações internas, como a transição demográfica e consequentes impactos sobre seu mercado de trabalho.

Através do Plano Made in China 2025, por exemplo, a China objetiva preparar-se para a Quarta Revolução Industrial (QRI), promovendo a inovação e a produção de bens intensivos em tecnologia para posicionar-se em etapas mais avançadas nas cadeias globais de valor. Neste sentido, segundo dados do Relatório de Competitividade Global 2016-17 do World Economic Forum, a China destaca-se como país que mais ampliou gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) recentemente, em taxas de crescimento médio de 20% ao ano, totalizando montante que atualmente representa 2% do PIB chinês. Ademais, a participação do setor privado nos investimentos em P&D revela-se muito superior à do setor público chinês, com gastos destinados largamente à compra de equipamentos, e à digitalização e modernização da produção no setor secundário - embora deva-se salientar a demanda por geração de emprego como obstáculo, no curto prazo, à automação em determinados setores. Por outro lado, a QRI é favorável à mudança demográfica chinesa. Isso significará ênfase crescente em serviços, economia digital e produtos de alto conteúdo tecnológico e, cada vez menos, manufaturas brutas, que determinaram o papel da China nas últimas décadas.

Segundo o relatório, ainda, a China ocupa a 28ª posição no ranking de competitividade global, sendo seu desempenho neste quesito positivamente influenciado por fatores como infraestrutura, educação e saúde. Similarmente, a China ocupa a 32ª posição no ranking de inovação empresarial, situando-se na vanguarda de setores como o de semicondutores e trens de alta velocidade, nanotecnologia, inteligência artificial e energia fotovoltaica – apresentando potencial para posicionar-se como líder no combate global às mudanças climáticas.

Neste contexto, a experiência da cidade Shenzhen, no Sul da China, representa exemplo paradigmático do investimento chinês em inovação e tecnologia: conhecida como Vale do Silício da China, a cidade atrai força de trabalho jovem, criativa e qualificada e promove a criação de startups de tecnologia digital, a partir de regulações e contratos de trabalho mais flexíveis do que em outras regiões, em linha com a maior flexibilidade da política de hukou. Desta forma, seria possível identificar na China, em última instância, uma nova fase de atração de investimentos, voltada a setores de alto conteúdo tecnológico e observada, por exemplo, em joint-ventures com empresas como Bombardier e Samsung.

Entretanto, incógnitas permanecem a respeito da sustentabilidade do modelo macroeconômico chinês, com questionamentos acerca da possibilidade de sustentar altas taxas de crescimento e endividamento no longo-prazo, no contexto da QRI. Neste ponto, possíveis cursos de ação envolveriam, por um lado, reduções no excesso de oferta – com fechamento de empresas e inevitável impacto negativo sobre o crescimento chinês – ou, por outro, a decisão de “inflacionar a economia”, também com efeitos colaterais.

Prioridades da política externa chinesa: engajamento regional, EUA e Europa, América Latina

As discussões abrangeram as prioridades externas da China para seu entorno regional e para o sistema internacional em geral, com foco no interesse chinês em consolidar-se como investidor global e avançar a chamada “diplomacia da infraestrutura e conectividade”, sustentada por novas instituições alinhadas à agenda de reforma de estruturas tradicionais na ordem global.

Em relação à política externa chinesa, esta é tradicionalmente representada através de um modelo de “círculos concêntricos”, que, por sua vez, caracterizam o engajamento externo do país. No primeiro círculo situa-se a China, suas fronteiras e relações com as regiões internas; em seguida, a relação com o entorno asiático – abrangendo o gerenciamento de disputas territoriais no Mar do Sul da China, os EUA, de certa forma, estão dentro deste segundo círculo por serem um país da zona do Pacífico. É dentro deste círculo que se alargam agora as fronteiras para incluir o programa OBOR na grande Eurásia. No terceiro círculo está a complexa relação bilateral entre EUA e China e, finalmente, no último círculo situa-se o resto do mundo inclusive a América Latina.

Neste sentido, apesar do interesse de países latino-americanos em atrair financiamento para demandas específicas, não se observa a sintonia do passado entre líderes na América Latina e China. Não obstante, a relação chinesa com a região, regida por interesses econômicos, tem sido redefinida e aprofundada pelo Fórum China-CELAC, voltado à cooperação em temas como infraestrutura e inovação tecnológica.

Com a estratégia chinesa de adaptar-se à QRI a partir da ampliação do conteúdo tecnológico de sua produção, ainda, demais países do entorno asiático – principalmente membros da ASEAN – têm atuado como promotores da reorganização de cadeias regionais e globais de valor. Entretanto, o investimento da China em inovação e na economia digital – que inclusive situa o país à frente dos EUA em temas como pagamentos digitais – poderia implicar “relações mais ácidas” com a Europa no médio prazo.

Ademais, destacam-se como promotores da “diplomacia da infraestrutura e conectividade” os novos bancos multilaterais de desenvolvimento sob influência chinesa – Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) e Banco Asiático de Investimentos em Infraestrutura (BAII) – reflexos de uma política proativa da China para assumir liderança em uma nova ordem global, com base em sua própria experiência de desenvolvimento industrial. Corroborando esta perspectiva, observa-se a preocupação da mídia estatal chinesa em frisar os “passos concretos” dados em direção a uma nova ordem durante a última Cúpula dos BRICS – grupo o qual retém valor estratégico para a China e que poderia ser considerado como um “túnel” dentro dos vários círculos concêntricos da política externa chinesa, sendo um embrião para novas ideias e para o diálogo *people to people*. Entretanto, o engajamento chinês em demais continentes, particularmente na África, não está isento de obstáculos de ordem econômica e política: Para além de incertezas associadas a retornos macroeconômicos, principalmente em economias menores, a resistência pontual de comunidades locais tem exigido da China estratégia ativa para a difusão de uma “imagem positiva” no continente. A China faz uso profundo e extenso das organizações internacionais, que são, ao mesmo tempo, fonte de aprendizado e de difusão do modelo chinês. Isso não significa necessariamente que a China queira “vender” seu modelo, mas dar sua contribuição para o conjunto das experiências globais.

Outro aspecto relevante da atuação externa chinesa diz respeito à abordagem estratégica de integrar-se a estruturas existentes, sem gerar grandes atritos, para em seguida modificá-las gradualmente segundo o interesse nacional. No caso da OMC, por exemplo, apesar da acessão chinesa em 2001, é possível argumentar que em diversos setores a China situa-se às margens das normas do comércio multilateral, flexibilizando-as com a aplicação de subsídios e de regras de conteúdo local – apresentando, inclusive, o desígnio de ampliar de 40% para 70% o conteúdo local de produtos alto valor tecnológico fabricados em território chinês, no contexto do Plano Made in China 2025.

“One Belt One road” e a estratégia de expansão futura da China: possíveis impactos para o Brasil

Os debates analisaram extensivamente a Belt & Road Initiative (BRI), principal expressão da “diplomacia da infraestrutura e conectividade”, responsável por promover a integração eurasiática e transcender a Rota da Seda tradicional, com implicações inclusive sobre a América Latina e o Brasil. Entretanto, ressaltaram-se os riscos econômicos e políticos envolvidos na iniciativa, que apresenta retornos macroeconômicos incertos – principalmente associados a grandes investimentos feitos em economias de pequena dimensão e com quadros políticos difíceis, particularmente na Ásia Central. Desta forma, diagnostica-se que cerca de um terço dos projetos não apresenta resultados positivos, outro terço dos projetos está “sendo encaminhado”, e apenas o terço restante atingiria os objetivos esperados. Sobressai o caráter geopolítico euroasiático da iniciativa e seu caráter pragmático, onde princípios ou regras de conduta têm pouca influência.

Neste contexto, o retorno dos investimentos realizados por empresas estatais chinesas – importantes agentes promotores da BRI – seria positivamente influenciado por medidas como isenções tributárias, subsídios e demais incentivos econômicos que contribuam para “contrabalançar” determinados riscos. Destaca-se, ainda, o papel fundamental de parcerias com instituições internacionais para a implementação eficiente da BRI: O BAI, por exemplo, conta com amplo auxílio do Banco Mundial para montar e diversificar sua carteira de projetos, inclusive a partir de cofinanciamentos.

Ademais, apesar do foco eurasiático da BRI, a diplomacia da infraestrutura e conectividade chinesa alcança o Brasil, visto como grande oportunidade para investimentos – como ilustrado pela forte participação de empresas estatais e bancos de desenvolvimento chineses, tais quais State Grid, China Three Gorges e CDB, em empreendimentos no país. Poder-se-ia argumentar que os investimentos na BRI obedeceriam a lógica distinta e que não significariam menor apetite para investimentos no Brasil. Podem ser identificadas, ainda, duas vertentes principais para alocação de investimentos chineses no Brasil: Por um lado, a criação de fundos específicos a partir de uma abordagem “governogoverno”, e por outro, o uso de “caminhos de mercado”, com compras em leilões ofertados por empresas públicas.

Uma medida estratégica para ampliação dos fluxos bilaterais de investimentos, em um contexto de crescente internacionalização da moeda chinesa, seria a criação de uma clearing para operar o renminbi no Brasil, tal qual observado no Chile, Vietnã, Austrália e em países europeus. Este mecanismo potencialmente agilizaria negociações e ampliaria a liquidez – em última instância, acelerando o processo de total conversibilidade da moeda chinesa. Embora já tenha havido conversas sobre o tema entre os dois países no passado recente, trata-se de

iniciativa que poderia merecer nova atenção das autoridades monetárias. Note-se, a respeito, que o renminbi hoje faz parte da cesta de moedas dos Direitos Especiais de Saque do FMI, o que não deixa de ser uma reserva de valor.
10

Finalmente, as novas estratégias de expansão da China também representariam para o Brasil importante oportunidade para ampliação do comércio bilateral – principalmente para exportações em setores nos quais o Brasil apresenta vantagens comparativas estáticas e dinâmicas, como o de alimentos processados, sendo fundamental o exercício de “olhar além” da venda de commodities. A relação bilateral também reservaria amplas oportunidades para a cooperação em temas diversos de interesse comum: desde a cooperação em matéria de inovação – tomando como base, por exemplo, modelo desenvolvido pela China-Israel Comprehensive Innovation Partnership – até intercâmbios no campo de combate ao desmatamento, reflorestamento e produção de energia solar.

De forma geral, depreende-se que, embora as relações políticas e econômicas com a China sejam muito positivas e dinâmicas, caberia ao Brasil otimizar essa relação mediante estratégia mais consistente, que leve em consideração a reorganização em curso das cadeias regionais de valor na Ásia e também das cadeias globais, com base numa visão de futuro da China e não só do presente.

ANEXOS

ANEXO I: Fact Sheet preliminar

O grupo inicia suas atividades visando ao aprofundamento da compreensão sobre, de um lado, o que representa a China para o mundo hoje e, de outro lado, o que o mundo representa para China e de que forma esse país tem-se organizado como ator global, a começar pelo seu próprio continente. Acredita-se que essa discussão ilumine a abordagem futura de outros temas específicos e dos diversos aspectos das relações da China com o Brasil.

Para otimizar os debates, buscamos colocar em perspectiva três aspectos da China no mundo: o aspecto econômico, com foco em competitividade; o aspecto político, com foco na perspectiva da China em relação a seus principais parceiros; e um aspecto geopolítico, em alusão ao papel da China como líder da nova fase da globalização e à forma como a China tem-se posicionado junto ao seu entorno e como percebe sua expansão econômica.

No primeiro ponto, interessa olhar mais para o futuro e para as tendências de longo prazo de como a competitividade afetará a produtividade e as metas de bem-estar chinesas do que para os desafios macroeconômicos de curto e médio prazo. O Relatório de Competitividade Global 2016-17, organizado pelo World Economic Forum, http://www3.weforum.org/docs/GCR2016-2017/05FullReport/TheGlobalCompetitivenessReport2016-2017_FINAL.pdf coloca a China em 28º lugar entre 138 países. Os resultados chineses são puxados para cima por três fatores: ambiente macroeconômico, saúde e educação básica e tamanho do mercado. Mas, como o próprio report aborda em suas páginas iniciais, estamos no limiar de uma transformação profunda nas formas de produzir e consumir, que tem sido caracterizada como a Quarta Revolução Industrial (QRI). Nesse contexto, a habilidade de inovar ganha destaque. A China tem ampliado a sua performance em áreas como sofisticação nos negócios e inovação, mas ainda se encontra bem distante da fronteira em capacitação tecnológica. De outro lado, artigo recente do McKinsey Global Institute (<http://www.mckinsey.com/global-themes/china/chinas-role-in-the-next-phase-of-globalization>), cujo Índice de Conectividade Global coloca a China em 7º lugar, lança um desafio para o país em liderar a nova fase da globalização, com vistas a contrarrestar tendências protecionistas e de queda da produtividade e ampliar os investimentos globais em infraestrutura. As novas dimensões da globalização, incluindo a importância dos fluxos digitais no comércio internacional, a hiperconectividade e o papel crescente das economias emergentes, inclusive como investidoras, sugerem que a China pode estar bem colocada para liderar esse processo. Finalmente, o governo chinês lançou um plano, chamado de “Made in China 2025”, que visa a orquestrar a transição do fabricado na China pelo fabricado pela China (<https://www.csis.org/analysis/madechina-2025>). Focado em desenvolver setores correlatos com a QRI, o plano indica que a China pretende elevar de 40% para 70% o conteúdo local dos produtos fabricados em

território chinês. Diante desse cenário, como analisar as perspectivas da evolução da competitividade chinesa? Que aspectos devemos acompanhar em seu ambiente regulatório? Como a QRI afetará seus fluxos de comércio e investimentos? O que essas transformações podem significar para o papel da China no mundo? Como coadunar a conectividade crescente e a interdependência com a noção chinesa de que seu desenvolvimento deve buscar elevado grau de independência tecnológica?

A China consolidou-se na última década como ator global, tendo dado um passo que se revelaria fundamental com a acessão à OMC, em 2001. Se a força da globalização econômica confunde-se, em certos aspectos, com a própria trajetória recente da economia chinesa, a consolidação do poder chinês em escala global não se dá de forma tão automática, apesar de todas as indicações de que a “ascensão pacífica” da China não carrega uma visão expansionista ou belicista. A ascensão chinesa tem o desenvolvimento econômico como prioridade e abraçou a globalização, mediante a construção de um socialismo com características chinesas, com base nas “três transcendências”. Essa retórica tem-se traduzido, desde a década passada, na criação de uma série de agrupamentos, tendo a China como pólo central ou como par, que buscam consubstanciar a ideia de uma expansão pacífica, baseada no desenvolvimento comum. Assim, a Organização para a Cooperação de Xangai reuniu países da Eurásia. Há vários fóruns que congregam a China com a ASEAN, a África, a Europa e América Latina, entre outros. Em paralelo, as relações com os Estados Unidos foram estruturadas no Diálogo Estratégico e Econômico, que emolduraria uma “nova relação entre grandes potências”. O pivô para a Ásia na administração Obama e as disputas no Mar do Sul da China expõem a sensibilidade da ascensão chinesa no contexto de uma Ásia-Pacífico assentada sobre as bases da segunda guerra mundial. As relações com a Rússia e o entorno euroasiático ganham importância crescente e podem significar elemento novo na ordem internacional. A participação chinesa nas IFIs, no G-20, no BRICS e, mais recentemente, sua liderança no Banco de Investimentos em Infraestrutura Asiática (BIIA) aduzem dimensão transformadora à ordem que a China gostaria de ver emergir. As relações com a América Latina foram objeto de dois documentos do governo central chinês e, em 2015, realizou-se a primeira reunião do Fórum China-Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos (CELAC).

- Como compatibilizar a ascensão chinesa com a ordem internacional atual? As instituições de que dispomos hoje seriam suficientes para abrigar uma nova ordem (transformada)? Como pode a América Latina melhor organizar-se na sua relação com a China? Como avaliar o Fórum China-CELAC até agora? De que forma uma liderança brasileira mais assertiva na relação China-América Latina poderia contribuir (ou não)?
- A Belt and Road Initiative (BRI) talvez seja a tradução mais concreta das aspirações chinesas a líder global. Principal iniciativa de política externa do Presidente Xi Jinping, a BRI dá contornos concretos à ascensão da Eurásia ao buscar conectar por via marítima e terrestre 68 países da Europa, Ásia e África (lista de resultados do Belt and Road Forum, realizado em maio de 2017, <http://news.xinhuanet.com/>

[english/2017-05/15/c_136286376.htm](http://news.xinhuanet.com/english/2017-05/15/c_136286376.htm)). Significa, ainda, um enorme esforço de investimento e financiamento de projetos de infraestrutura por empresas estatais e bancos chineses (lista dos projetos em andamento: http://news.xinhuanet.com/english/2017-05/10/c_136271092.htm). Apesar das grandes incertezas que rondam a iniciativa, sobretudo em relação à sustentabilidade econômica dos projetos, a liderança chinesa tem sustentado com engajamento essa aposta. Como coadunar a BRI com a tradicional postura chinesa de evitar exposição excessiva de suas capacidades? A BRI pode desviar recursos que se destinariam ao Brasil? Ou pode reforçar a busca por bons projetos fora da região?

Sugestões de leitura

Central People's Government of the People's Republic of China, "*China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean*," 2008 e 2016, <http://in.chinaembassy.org/eng/zgbd/t521025.html>

China 2030 (2014). Angang Hu, Yan Yilong, Xing Wei. Springer.

China-CELAC Forum (2015). **China-Latin American Caribbean Countries Cooperation Plan 2015-2019**. http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_integracao/docs_CELAC/PLCOOP.2015ENG.pdf

Kroeber, Arthur (2016). *China Economy: What Everyone Needs to Know*. Oxford University Press. <https://china-economy-book.com/>

Peterson Institute for International Economics (2016). *China's Belt and Road Initiative: motives*, Challenge and Scope. https://piie.com/system/files/documents/piieb16-2_1.pdf

Tai Ming Cheung et al. *Planning for Innovation: understanding China's Plans for Technological, Energy, Industrial, and Defense Development*. A report prepared for the U.S.-China Economic and Review Commission. University of California.

World Bank (2013). *China 2030: building a modern, harmonious and creative society*. <http://documents.worldbank.org/curated/en/781101468239669951/China-2030-building-a-modern-harmonious-and-creative-society>

ANEXO II: Participantes da I Reunião

Rio de Janeiro

Alexandre Lowenkron	BBM
Anna Celia Castro	UFRJ
Aspasia Camargo	Prefeitura Rio de Janeiro
Anna Jaguaribe	CEBRI, Conselho Curador
Cassio Von Gal	BBM
Denise Gregory	CEBRI, Conselho Curador
Ernesto Almeida	VALE
Ernani Torres	UFRJ
Isabela Nogueira de Moraes	UFRJ
Izabella Teixeira	CEBRI, Senior Fellow
João Felipe V. Figueira de Mello	Leoni Siqueira Advogados
João Miguel Beaudette Drummond	Queiroz Galvão
José Francisco Gouvêa Vieira	Gouvêa Vieira Advogados
José Mário Spritzer	AT LINE Shipping do Brasil, Diretor
José Pio Borges	CEBRI, Presidente do Conselho Curador
Julia Dias Leite	CEBRI, Diretora Executiva
Leandro Rothmuller	BBM
Leonardo Botelho Ferreira	BNDES
Lia Valls	FGV
Luiz Augusto Castro Neves	CEBRI, Embaixador, Conselho Curador
Márcio Senne de Moraes	VALE
Mauro Ribeiro Viegas Neto	Concremat Engenharia e Tecnologia
Miguel Flaksman	BBM
Paulo Ferracioli	FGV
Pedro Luiz Jatobá	Eletrobras
Pedro Malan	CEBRI, Conselho Curador
Renata Nascimento Szczerbacki	Petrobras
Renato Galvão Flôres Junior	CEBRI, Conselho Curador
Ricardo Coelho	Pinheiro Neto Advogados
Roberto Fendt	CEBC, Diretor Executivo
Shaouhui Yang	BBM
Tatiana Rosito	CEBRI, Senior Fellow
Wang Yili	BBM - Tradutora

Washington

Alexandre Rosa	BID, Vice-Presidente para Países
André Soares de Oliveira	BID, Conselheiro da diretoria do Brasil
Antônio Henrique Silveira	BID, Diretor do Brasil
Carolina Costa	McLarty Associates

Guilherme Piereck	<i>BID, Especialista em Integração e Comércio</i>
Jim Keith	<i>McLarty Associates</i>
Joaquim Levy	<i>BID, Especialista em Integração e Comércio</i>
Marcello Estevão	<i>Ministério da Fazenda</i>
Mathilde de Medeiros Barbosa	<i>Banco Mundial, special Assistant</i>
Mauricio Mesquita Moreira	<i>BID, Senior Adviser de Trade</i>

São Paulo

Alberto Pfeifer Filho	<i>Secretaria especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República</i>
Augusto Castro	<i>APEX-Brasil, Gerente do Núcleo China</i>
Cláudio Leal	<i>BNDES, Superintendente da Área Industrial</i>
Luciane Melo	<i>BNDES</i>
Roberto Teixeira da Costa	<i>CEBRI, Conselheiro</i>
Robin Castello	<i>Castello e Misorelli, Sócio</i>

Nova York

Pedro Henrique Mariani	<i>BBM, Presidente do Conselho de diretores</i>
------------------------	---

Pequim

Embaixador Marcos Caramuru	<i>Embaixador do Brasil na China</i>
----------------------------	--------------------------------------

Brasília

Benoni Belli	<i>MRE, Secretário de Planejamento</i>
Braz da Costa Baracuhly Neto	<i>MRE, SPD</i>
Bruno Orsi	<i>SAIN, Ministério da Fazenda</i>
Cláudia Cristina Tomazi Peixoto	<i>Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República</i>
Danielle Ayres Delduque	<i>SAIN, Ministério da Fazenda</i>
David Pedroso Corrêa	<i>SAIN, Ministério da Fazenda</i>
Jorge Arbache	<i>Secretário de Assuntos Internacionais Ministério do Planejamento</i>
Luís Fernando Tironi	<i>DINTE, IPEA, Técnico de Planejamento e Pesquisas</i>
Luciano Schweizer	<i>BID, Especialista em Mercados Financeiros</i>
Marco Aurélio do Santos Rocha	<i>SAIN, Ministério da Fazenda</i>
Mauro Miranda	<i>Banco do Brasil, Senior Advisor</i>
Maria Izabel Vieira	<i>Departamento da Ásia do Leste do Itamaraty, Diretora</i>
Marianne Martins Guimarães	<i>Divisão da China e da Mongólia, MRE</i>
Nanahira de Rabelo	<i>MCTIC, Chefe da Divisão de Cooperação com América do Norte, Ásia, África e Oceania</i>
Paulo Roberto de Almeida	<i>IPRI/FUNAG</i>
Sérgio Ricardo de Brito Gadelha	<i>SAIN, Ministério da Fazenda</i>

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildelfonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Mantenedores



Patrocinadores



Apoio



Associados Estrangeiros

Elliott School of
International Affairs
THE GEORGE WASHINGTON UNIVERSITY

MCLARTY 
ASSOCIATES

Steptoe
STEPTOE & JOHNSON LLP

Associados Diplomáticos



Ard-Chonsalacht na hÉireann | São Paulo
Consulate General of Ireland | São Paulo
Consulado-Geral da Irlanda | São Paulo



CONSULADO GENERAL
DE MÉXICO

Canada 

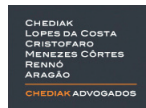
Sócios Individuais

Adriano Abdo
Aleksander Medvedovsky
Álvaro Otero
Arminio Fraga
Carlos Eduardo Ernanny
Carlos Leoni de Siqueira
Carlos Mariani Bittencourt
Celso Lafer
Christian Lohbauer
Christiane Aché
Claudine Bichara
Daniel Klabin
Décio Oddone

Eduardo Marinho Christoph
Eduardo Prisco Paraíso Ramos
Fernando Cariola Travassos
Fernão Bracher
Frederico Axel Lundgren
Henrique Rzezinski
Jacques Scvirer
João Felipe Viegas Figueira de Mello
José Francisco Gouvêa Vieira
Larissa Wachholz
Luiz Fernando Bodstein
Marcelo Viera
Marcio João de Andrade Fortes

Marco Antonio Ribeiro Tura
Maria Pia Mussnich
Mauro Ribeiro Viegas Neto
Paulo Ferracioli
Pedro Brêtas
Ricardo Levisky
Roberto Abdenur
Roberto Guimarães Martins-Costa
Roberto Prisco Paraíso Ramos
Roberto Teixeira da Costa
Stelio Marcos Amarante
Tomas Zinner
Vitor Hallack
Winston Fritsch

Parceiros institucionais e sócios pro bonos



Parceiros de Projetos





CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2017 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

ONDE ESTAMOS:

Rua Marquês de São Vicente, 336
Gávea, Rio de Janeiro - RJ - Brazil
22451-044

Tel: +55 (21) 2206-4400

cebri@cebri.org.br



www.cebri.org